



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia alusiva à visita às obras da usina hidrelétrica de Estreito para início do enchimento do lago

Estreito-MA, 30 de novembro de 2010

Meus queridos companheiros e companheiras,

Minha querida companheira governadora do estado do Maranhão, Roseana Sarney, e seu companheiro Jorge Murad,

Meu caro companheiro Carlos Henrique Gaguim, governador do estado do Tocantins,

Meus companheiros ministros Márcio Zimmermann, de Minas e Energia; Izabella Teixeira, do Meio Ambiente; e o senhor Cleberson Zavaski, interino da Pesca e Aquicultura,

Desembargador Jamil de Miranda Gedeon Neto, presidente do Tribunal de Justiça do Maranhão,

Nosso querido senador Edison Lobão,

Companheiro Washington Luiz de Oliveira, vice-governador eleito do Maranhão,

Nosso querido companheiro, eleito, senador João Alberto de Souza,

Deputado federal Cleber Verde,

Senhor Zequinha Coelho, prefeito de Estreito, por meio de quem cumprimento todos os prefeitos aqui presentes,

Meu caro Edvandro Gomes Pereira, presidente da Câmara de Vereadores de Estreito,

Meu caro Maurício Bahr, presidente da GDF Suez Energy,

Meu caro José Renato Ponte, presidente do Consórcio Estreito Energia,

Companheiros e companheiras do movimento de barragens [Movimento dos Atingidos por Barragens] que estão aqui presentes,



Companheiros e companheiras da imprensa,
Trabalhadores, trabalhadoras,
Amigos e amigas,

Eu vou ali, para ficar no meio, para poder conversar um pouquinho olhando a turma daqui, porque eu só estava vendo a turma de lá.

Olhem, primeiro, é importante que a gente saia daqui convencido de que esta obra só foi possível ser feita, Governadora, por causa de uma mulher chamada Dilma Rousseff, quando era ministra de Minas e Energia e, depois, quando começou na Casa Civil. Foi ela que mudou o marco regulatório da questão energética no país e foi ela que brigou para que a gente pudesse incluir esse projeto da hidrelétrica de Estreito.

Eu mesmo estive para vir aqui por três vezes, não pude vir porque tinha conflitos, e eu não queria que houvesse qualquer problema. Hoje nós temos um acordo entre os empresários, com os companheiros do mato, porque esta hidrelétrica aqui, nós queremos que ela seja o exemplo de hidrelétrica no tratamento às pessoas que moravam aqui, antes dela existir. Nós não podemos fazer um grande empreendimento e expulsar as pessoas. É preciso que essas pessoas, que eram pescadores, possam continuar pescando. (falha no áudio) pessoas que trabalhavam na agricultura possam continuar trabalhando, porque uma hidrelétrica como esta, ela tem que fazer benefício para todos mas, sobretudo, atender àqueles que estavam aqui antes da hidrelétrica chegar. Os empresários e o governo estão convencidos de que é preciso mudar a prática. Houve um tempo em que se prometia muito para os trabalhadores. Depois que a hidrelétrica estava pronta, e (falha no áudio) aquilo que se tinha prometido para os trabalhadores.

Eu lembro que quando o Lobão foi indicado para ser ministro de Minas e Energia, eu disse ao companheiro Lobão: Lobão, nós temos uma dívida histórica com muita gente que morava à beira dos lugares em que foram



construídas hidrelétricas. Precisamos fazer um levantamento e começar a pagar essa dívida histórica.

Pois bem, nós agora fizemos o acordo com o MAB, com os empresários, e nós queremos cumprir, e pode ter certeza de que a companheira Dilma será dura ou mais dura... O microfone está falhando aqui, tem um probleminha que eu acho que não pagaram para a empresa que veio fazer o som. Agora, parece que vai dar.

Nesta semana, Roseana, eu fui a Ribeirão Preto, porque nós fizemos um acordo histórico entre os trabalhadores do corte de cana e os empresários produtores de álcool e de açúcar, porque esses trabalhadores eram tratados como se fossem escravos. Esses trabalhadores trabalhavam de sol a sol cortando cana, comiam comida gelada, não tinham água boa para beber. E também os empresários evoluíram, tomaram consciência, o governo tomou consciência, e os sindicatos também tomaram consciência e nós fizemos um acordo de humanização do trabalho do corte de cana. Então, agora os companheiros vão ter lugar para comer, vão ter banheiro, vão ter água gelada e vai ter ônibus com qualidade para levá-los para o trabalho. E por que isso é importante? Isso é importante porque, como o Brasil passou a ser um país importante no mundo, nós precisamos garantir que os nossos produtos, lá fora, não sejam atacados pelos nossos concorrentes, que dizem para não comprar carne brasileira, porque tem doença, que dizem para não comprar o álcool brasileiro, porque tem trabalho escravo, porque dizem que não tem que comprar carne brasileira, porque está se desmatando a Amazônia. Na verdade, é uma briga comercial, e as grandes nações não estavam acostumadas com o tamanho do Brasil. O Brasil sempre foi tratado como se fosse um grandão meio bobão, e eles agora sabem que de bobão este país não tem nada. Este país tem um povo esperto, este país tem um povo esperto, um povo orgulhoso que quer respeitar, mas também quer ser respeitado. É por isso que o Brasil é o maior exportador de café, já é o maior exportador de minério, é o maior



exportador de carne de vaca, o maior exportador de carne de frango, um grande exportador de carne de porco. É um grande exportador de vários produtos agrícolas. E quando o mundo começa a comer, a gente olha o mundo e a gente percebe qual é o país do mundo que tem mais terra, mais água e mais sol para plantar comida para chinês comer, para indiano comer, para brasileiro comer e para latino comer. É exatamente este país, exatamente este país. Aquela profecia que eu ouvia dos mais antigos, quando eu era moleque, que dizia: “O Brasil será o celeiro do mundo”, ela vai se concretizar, Roseana, ela vai se concretizar, Gaguim, porque o mundo precisa cada vez mais de comida, e o Brasil, além de ter mais terra, além de ter mais água, além de ter mais sol, o Brasil tem uma empresa de tecnologia para agricultura tropical, que é a empresa mais importante do mundo, que é a nossa querida Embrapa.

Portanto, a gente vai produzir cada vez mais, em menos quantidade de terra. Portanto, a gente vai preservar o meio ambiente e produzir muito mais. E a Izabella será a companheira parceira nisso, porque nós já fizemos o zoneamento agroecológico - não pode plantar cana em qualquer lugar mais - estamos fazendo zoneamento agroecológico para o dendê, para a gente poder plantar biodiesel, e vamos fazer zoneamento agroecológico para outras culturas, para que a gente possa produzir sem afetar o meio ambiente.

A segunda coisa importante é que hoje vocês podem se orgulhar. Hoje, no mundo... Eu queria até pedir o testemunho dos empresários. Eu acho que as três hidrelétricas que nós estamos construindo, Santo Antônio, Jirau e Belo Monte, que nós vamos começar, são as três maiores hidrelétricas do mundo em construção, neste momento. E eles ainda não viram o que é o Complexo Tapajós, eles ainda não viram o que vai ser, porque vai ser tão perfeito que nem a Izabella vai colocar obstáculo para a gente fazer a nossa hidrelétrica-plataforma, porque a gente vai dar um show ao mundo de como é que a gente vai fazer hidrelétrica. A gente vai fazer que nem plataforma em alto-mar, não vai desmatar, a não ser para fazer, depois vai fechar, e ninguém entra lá; quem



for para trabalhar, vai de helicóptero, fica lá, e sai sem degradar o meio ambiente. Nós seremos um exemplo para o mundo.

Bem, além disso, além das três hidrelétricas, Roseana, hoje, se você for analisar, as três maiores ferrovias que estão sendo construídas no mundo também estão sendo construídas no Brasil. A Ferrovia Norte-Sul nós vamos terminar 1.513 quilômetros agora, lá na cidade de Palmas, e nós vamos, depois – não, Anápolis!; que Palmas, rapaz, já passou Palmas, nós vamos para Anápolis! E de Anápolis nós vamos dar ordem de serviço para fazer de Anápolis à Estrela d'Oeste, em São Paulo, mais 900 quilômetros, para ligar o Porto de Itaquí ao Porto de Santos. Ao mesmo tempo, nós estamos fazendo a Transnordestina, ligando o estado do Ceará, o Porto de Pecém, ao Porto de Suape, em Pernambuco, passando por Eliseu Martins, no Piauí; são mais 1.800 quilômetros de ferrovia, que já está empregando, neste momento, mais de 9 mil trabalhadores. Depois, eu vou nesta semana ainda, Roseana, ou no mês que vem, eu vou à Bahia anunciar a Oeste-Leste, que vai sair de Ilhéus, onde vai ter um porto e vai ter uma ferrovia que vai chegar ao estado do Tocantins, cruzando a Ferrovia Norte-Sul, para a gente fazer uma espécie de “espinha de peixe” de transporte neste país. E depois vamos levá-la até Belém, vamos levá-la até Belém!

E daqui a pouco eu saio daqui e vou a Tucuruí inaugurar, pela primeira vez, a grande eclusa do Tucuruí, que é uma obra que todo mundo deseja. Por que eu estou dizendo isso, companheiros? Porque se a gente for analisar, eu falei de ferrovias, eu falei de hidrelétricas, mas eu poderia dizer para vocês que hoje não existe no mundo, parece petulância minha, mas não existe no mundo nenhum país que esteja fazendo uma refinaria do tamanho que a gente está fazendo no Maranhão. É uma refinaria para 600 mil barris/dia, é uma refinaria que vai custar US\$ 19 bilhões; estamos fazendo uma refinaria em Fortaleza de 300 mil barris/dia, que vai precisar de um investimento de US\$ 12 bilhões; estamos fazendo a Refinaria Abreu e Lima, de Pernambuco; estamos fazendo



a refinaria lá do Rio Grande do Norte, que é uma pequena, de 35 mil barris/dia para produzir querosene.

E mais ainda, estamos fazendo um investimento de US\$ 224 bilhões até 2014, para ir buscar o petróleo a sete mil metros de profundidade, no pré-sal descoberto por este país.

Eu fui agora, Roseana, eu fui agora em Tupi. Eu fiquei com medo de andar de helicóptero, Lobão, 300 quilômetros, mas eu fui. Andei 300 quilômetros mar adentro. Cheguei lá na plataforma - nós fomos buscar petróleo a quase seis mil metros de profundidade -, um petróleo que está lá há 165 milhões de anos, nós fomos pegar esse bichinho. E é esse bichinho que vai arrumar a vida deste país, porque uma parte deste dinheiro, uma parte do dinheiro do petróleo vai ter que ajudar a Educação vai ter que ajudar a Ciência e Tecnologia, vai ter que ajudar a Cultura, vai ter que ajudar a questão ambiental, e vai ter que ajudar o desenvolvimento do nosso país.

Mais ainda, mais ainda: nós estamos fazendo grandes investimentos em portos, para que a gente possa transferir para o Norte e para o Nordeste uma parte do desenvolvimento do Brasil. Nós não queremos tirar nada do Sudeste. Nós queremos que São Paulo continue crescendo, que o Rio continue crescendo, que Minas continue crescendo, que o Sul continue crescendo, mas nós achamos que no século XXI é a vez do Nordeste e do Norte deste país começarem a crescer.

Hoje, de todos os doutores formados no Brasil, apenas 10% estão se formando no Nordeste. Era menos do que 3% quando eu entrei no governo; já tem 10%, mas nós precisamos é de 20%, é de 30% de doutores e de mestres se formando.

Você veja que coisa engraçada: eu sou o único presidente da República que não tive a oportunidade de ter um diploma universitário. Vou passar para a história como o presidente que mais fez universidades no país e como o presidente que mais fez escolas técnicas no país. Eu acho... Eu ficarei muito



feliz se a minha companheira Dilma chegar aqui, daqui a quatro anos, e falar: “O Lulinha ficou para trás, porque ele só fez 14 universidades, eu já fiz foi 20, ele só fez 214 escolas técnicas, eu fiz 300”. Se ela fizer isso, eu morro de emoção ali e aí vocês me enterram, porque é tudo que eu espero: é que ela faça mais e melhor do que eu fiz, porque ela me ajudou a construir o que nós construímos, ela sabe como fazer, ela conhece hoje o Brasil como pouca gente conhece, ela conhece a máquina por dentro como pouca gente conhece. Eu não imaginava que ela fosse vítima do preconceito que ela foi, na campanha. Não imaginava que a elite brasileira, a elite política, fosse tão grosseira no tratamento da questão da mulher. Mas, uma vez, eu fico feliz: depois de um metalúrgico provar que tem competência, é a vez da mulher provar que tem competência para governar este país.

Pois bem, companheiros, olhem, o que está feito, está feito. Eu posso dizer para vocês que eu deixarei a Presidência no dia 1º com a cabeça tão erguida ou mais erguida do que quando eu subi. Sabe por que, Gaguim? Quando eu subi aquela rampa no dia 1º de janeiro de 2003, eu estava junto com a Marisa, junto com o José Alencar, e eu tinha muita dúvida se a gente ia ter condições de governar o Brasil, eu tinha muita dúvida. Este país já tinha, já tinha criado as condições para o Getúlio Vargas se matar, este país já tinha ameaçado não deixar Juscelino competir, e diziam: “Se o Juscelino competir, a gente não deixa; se ele competir, não vai ganhar; se ganhar, a gente não deixa tomar posse; e se tomar posse, a gente não deixa ele governar”. Depois, este país cassou o João Goulart. Eu falei: o que eles vão aprontar comigo? E eles tentaram, em 2005, eles tentaram, em 2005. Só que eles não sabiam que, pela primeira vez, este país tinha eleito um presidente que era a encarnação do povo lá em Brasília, não era uma coisa distante. E, aí, nós fomos para a rua e eles perceberam que não estava... Eu lembro de uma vez que o Sarney foi conversar comigo, eu falei: “Presidente Sarney, eu só quero que o senhor diga lá dentro, para os senadores, o seguinte: se eles tentarem dar um passo além



da institucionalidade, eles não sabem o que vai acontecer neste país. Este país teve presidente que foi embora, este país teve presidente que se matou, este país teve presidente que foi cassado e saiu do Palácio. Eu, eles vão saber que eu sou diferente. Eles vão saber, eles vão saber, eles vão saber que não é o Lula que está na Presidência, eles vão saber que a classe trabalhadora brasileira é que chegou à Presidência da República, e que ela quer a chance”.

Pois bem, eu duvido que tenha tido um presidente da República que tenha tido uma relação republicana, como eu tive com governadores e com prefeitos. Eu nunca perguntei a que partido pertencia um prefeito, eu nunca perguntei a que partido pertencia um governador ou a governadora. Se eles tinham direito, a gente repassava as coisas que tinha que repassar e, isso, foram oito anos de mandato assim.

Eu tenho consciência de que outros presidentes da República não tiveram as mesmas condições que eu. O presidente Sarney pegou o Brasil em época de crise. O Fernando Henrique Cardoso, mesmo que quisesse fazer, não podia, porque o Brasil estava atolado em uma dívida com o FMI, e quando você deve, você tem até medo de abrir a porta e o cobrador vir te pegar.

Eu, como aprendi que o valor que o pobre tem é a sua cara, o maior patrimônio que eu tenho é a minha cara e o direito de andar de cabeça erguida, a primeira decisão que eu tomei foi juntar um dinheirinho para pagar o FMI. Eu não quero ninguém dando palpite na minha vida. Quem vai decidir o destino deste país são os brasileiros e não os gringos que vêm de lá. Pois bem, devolvi o dinheiro do FMI, hoje o Brasil tem US\$ 300 bilhões em caixa. E agora, nessa crise dos Estados Unidos e nessa crise da Europa, chamei o ministro Guido e falei: Vamos emprestar um dinheirinho para o FMI, para ele ajudar os outros.

Então, a companheira Dilma vai pegar o país em uma situação muito melhor, em uma situação muito mais favorável. Nós vamos, no PAC 2, todas as obras importantes vão ter que ser apresentadas pelos governadores. A gente vai ter a Copa do Mundo de 2014, que vai ter muita obra, a gente vai ter



Olimpíadas. Portanto, eu queria dizer aos companheiros trabalhadores, que estão preocupados, eu vou dizer uma coisa para vocês: Podem olhar na minha cara, eu vou deixar a Presidência, mas não vou deixar o Brasil. Eu vou continuar andando por este país, vou continuar andando e fazendo política, que é a coisa que eu sei fazer. Eu vou dizer uma coisa para vocês: podem ficar certos... eu poderia pegar todos os empresários da construção civil aqui, poderia pegar a Camargo Corrêa, OAS, Odebrecht, poderia pegar a Andrade Gutierrez, Queiroz Galvão, quem quiser... escolha o nome. Eu duvido que, em algum momento da história do Brasil, esses empresários tiveram tanta obra como eles têm agora no país, duvido, duvido, nunca tiveram, e não vai parar mais. Não vai parar porque nós estamos aprendendo a cuidar de saneamento básico, nós estamos aprendendo a fazer casas. O Minha Casa, Minha Vida 1 foi um milhão de casas, o Minha Casa, Minha Vida 2 serão 2 milhões de casas. E nós aprendemos a fazer, aprendemos a fazer. Não aceitamos... Aceitamos opiniões e conselhos bons, mas “nego” vir de fora dar palpite, a gente não aceita mais. E este país vai continuar crescendo, vai continuar investindo na educação, vai continuar investindo em ciência e tecnologia e vai, sobretudo, continuar investindo no nosso progresso.

Então, companheiros trabalhadores, estejam certos de que daqui a um ano, daqui a dois anos, daqui a três anos, a gente vai se encontrar em algum lugar deste país. Eu posso dizer para vocês: este país não voltará atrás, este país vai continuar crescendo, gerando emprego, distribuindo renda, este país vai continuar melhorando a vida do seu povo. Porque a coisa mais sagrada que tem para um homem e para uma mulher é ele trabalhar e, no final do mês, levar para a sua casa o sustento da família às custas do seu suor e do seu trabalho, esse é um valor de que a gente não abre mão.

Por isso, eu queria dar os parabéns aos empresários que investiram em Estreito, ao BNDES que financiou parte da obra. Queria dar os parabéns aos ministros que trabalharam, não foi uma obra fácil. Mas hoje, graças a Deus, eu



tinha que vir aqui. A Dilma é quem vai vir inaugurar definitivamente, ela é quem vai vir inaugurar. Mas eu tinha que vir fechar pelo menos a primeira comporta, porque eu tinha marcado três vezes para vir aqui, e quando eu marcava o MAB dizia que ia fazer protesto, e eu falava: Eu não quero brigar com os companheiros do MAB, eu vou suspender, para não ir lá. Eu não queria também que houvesse qualquer violência contra qualquer pessoa.

Então, hoje eu estou vindo aqui, estão aqui os companheiros do MAB, estão aqui os empresários. E vocês vão ver, vocês vão ver... O Ministério da Pesca está aí, foi feito um acordo aqui. Esses “bichim” têm que fazer vocês tirem mais peixe deste lago do que vocês já tiraram em qualquer outra época, pescando com uma varinha de bambu mequetrefe. Vocês vão pegar, agora, é criar em um tanque-rede e criar peixes profissionalmente, para vocês poderem não apenas comer uma piabinha na hora do almoço, com cabeça e tudo. Não, vocês agora vão criar peixes de qualidade para vocês comerem, mas para vocês venderem no mercado e levarem dinheiro para casa para comprar uma televisão, para comprar uma geladeira, para comprar um rádio para ouvir o Lula falar, de vez em quando, para ouvir a Dilma falar, para ouvir a Roseana falar, para ouvir o Gaguim falar.

É assim que caminha o nosso país. E eu, então, estou aqui só para dizer para vocês: muito obrigado pelo carinho. Muito obrigado.

(\$211 A)